

**O ENUNCIADO CONCRETO SOB AS VESTES DO DIALOGISMO:  
CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-ANALÍTICAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN**

***THE CONCRETE STATEMENT UNDER THE APPAREL OF DIALOGISM:  
THEORETICAL-ANALYTICAL CONTRIBUTIONS OF BAKHTIN'S CIRCLE***

Wilder Kleber Fernandes de Santana<sup>1</sup>  
Mestre em Linguística  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)  
([wildersantana92@gmail.com](mailto:wildersantana92@gmail.com))

José Luciano Marculino Leal<sup>2</sup>  
Mestre em Linguística  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)  
([luciano-leal@hotmail.com](mailto:luciano-leal@hotmail.com))

Éderson Luís Silveira<sup>3</sup>  
Mestre em Linguística  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
([ediliteratus@gmail.com](mailto:ediliteratus@gmail.com))

**RESUMO:** O presente trabalho teceu investigações sobre o enunciado concreto, compreendendo-o à luz dos escritos de Mikhail Bakhtin em diálogos com Valentin Volóchinov e Pável Medviédev. Ao diferenciar-se de uma perspectiva puramente gramatical, esse horizonte de compreensão do enunciado, via entornos dialógicos, potencializou nossos olhares para análise de objetos de estudo com base em reflexos e refrações de cunho histórico-ideológico. Nosso objetivo foi realizar um estudo a respeito do enunciado concreto enquanto categoria bakhtiniana sob prisma da análise dialógica do discurso, haja vista a potencialidade analítica via lentes dialógico-discursivas. Para realização da análise, delimitou-se uma charge intitulada **Lobo em pele de cordeiro** (2016), assinada por Myrria.

**Palavras-chave:** Enunciado concreto. Dialogismo. Reflexos. Refrações.

**ABSTRACT:** This paper has made investigations on the concrete statement, understanding it in light of the writings of Mikhail Bakhtin in dialogues with Valentin Volóchinov and Pável Medviédev. By differentiating itself from a purely grammatical perspective, this horizon of the statement's understanding, via dialogic environments, enhanced our eyes for analyzing objects of study based on reflexes and refractions of a historical and ideological nature. Our goal, which was to carry out a study regarding the concrete statement as a bakhtinian category under the prism of the dialogical discursive analysis, has the analytical potential via dialogic-discursive lenses. To carry out the analysis, it was delimited a cartoon entitled **Wolf in lambskin** (2016), signed by Myrria.

**Keywords:** Concrete statement. Dialogism. Reflexes. Refractions.

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bolsista Capes.

<sup>2</sup> Doutorando em Linguística na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

<sup>3</sup> Doutorando em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista Capes.

## Introdução

A Análise Dialógica do Discurso, doravante ADD, tem se constituído como um horizonte de múltiplos saberes e um dispositivo potente para a formulação trabalhos em que o sujeito – o outro – seja central nas relações humanas. Nesse sentido, numa tentativa de (re)figurar o sujeito, que durante tanto tempo foi excluído, principalmente em estudos de cunho positivista e cientificista, incidimos novos olhares para objetos de estudo na pós-modernidade sob as lentes da ADD, subsidiados pelos pressupostos teórico-metodológicos de Mikhail Bakhtin (1895-1975), Valentin N. Volóchinov (1895-1936) e Pável N. Medviédev (1891-1938), integrantes do Círculo de Bakhtin, assim como de possíveis interlocutores em terreno brasileiro.

Conforme outrora apontado por Santana & Lima (2018), durante bastante tempo, perspectivas de estudo foram direcionadas e construídas em perspectiva formalista, fortalecendo a ideia de um sujeito uno, egocêntrico, isolado de relações que transcendesse os limites do sujeito em si. “A existência do sujeito esteve, nesse prisma interpretativo, ligada à máxima **je tout-puissant**<sup>4</sup>, enraizado em um plano determinativo de abscissas e ordenadas” (SANTANA e LIMA, 2018, p. 9, grifos nossos). O sujeito, assim, refletia-se como um indivíduo cíclico, linearmente determinado e acabado.

Dentre diversos autores/pensadores que atentaram para as relações entre o **eu** e o **outro**<sup>5</sup>, Bakhtin (2010 [1930-1934]) se destaca como um dos que pensou tal relação sob o viés da linguagem em seu caráter filosófico. Para o filósofo russo, “[a] cultura do outro só se revela com plenitude e profundidade [...] aos olhos de outra cultura” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 366) e é nesse horizonte de especulações sobre o sujeito que se vivifica em um processo **vida-arte**, que problematizamos a inclusão/exclusão do sujeito em pesquisas linguísticas e literárias. Através da categoria enunciado concreto, pretendemos delinear novas possibilidades de instituir e circunscrever a voz alheia, uma vez que ela é elemento chave no processo de constituição do sujeito.

Este estudo se insere em uma área de investigação sobre a constituição do outro na/pela linguagem, em que recorreremos aos pressupostos teóricos metodológicos de Bakhtin (2010 [1920-1924], 2006 [1979]), Volóchinov (2017 [1929])

---

<sup>4</sup> Eu, todo poderoso.

<sup>5</sup> Alguns dos autores são Sartre (1991) e Buber (2006).

e Medviédev (2016 [1928]) para alcance de nosso objetivo, que foi realizar um estudo a respeito do enunciado concreto enquanto categoria bakhtiniana sob prisma da ADD, haja vista a potencialidade analítica via lentes dialógico-discursivas. Nessa direcionalidade, “todos os fenômenos presentes na comunicação real podem ser analisados à luz das relações dialógicas que os constituem” (FIORIN, 2006, p. 27).

O trabalho foi dividido em duas seções. A primeira, intitulada **O enunciado concreto: horizontes dialógicos**, realizou discussões em torno da categoria seleta com base nos pressupostos teórico-metodológicos de Bakhtin e o círculo, enquanto a segunda, **Lobo em pele de cordeiro: análises dialógico-discursivas** instaura o ato analítico, tendo delimitado uma charge (2016) assinada por Myrria. Após, vem as considerações finais e as referências.

### **O enunciado concreto: horizontes dialógicos**

O princípio dialógico da linguagem, apregoado pelo Círculo de Bakhtin, pressupõe que as atividades humanas – nos mais variados campos discursivos de uso da linguagem – são materializadas em forma de enunciados, escritos e/ou orais, de modo relativamente estável, dando origem aos gêneros do discurso, como menciona Bakhtin (2016, p. 12, grifos nossos), “[...] cada campo da utilização da língua elabora seus **tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros discursivos**”.

Nesse cenário, os gêneros do discurso, materializados em forma de enunciados concretos, refletem e refratam (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]) as especificidades e os objetivos do campo discursivo ao qual são filiados “não só por seu **conteúdo** (temático) e pelo **estilo** de linguagem [...] mas, acima de tudo, por sua **construção composicional**” (BAKHTIN, 2016, p. 11-12, grifos nossos). Esses três elementos fundamentais que caracterizam o gênero – conteúdo, estilo e composição – na medida em que permitem o reconhecimento de um enunciado e a identificação do campo discursivo a que pertence, centraliza o sujeito como categoria primordial para os sentidos múltiplos que emergem dos discursos. É a partir desse sujeito – o outro da enunciação, a quem me dirijo – que eu sou constituído.

Ancorados nos dizeres do Círculo de Bakhtin, compreendemos o enunciado como a unidade real da comunicação discursiva. Estes se materializam em campos

discursivos situados, por meio de elementos verbais (orais e escritos), bem como por gestos e expressões. Nas palavras de Bakhtin (2006 [1979], p. 289),

[a] fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma. Quaisquer que sejam o volume, o conteúdo, a composição, os enunciados sempre possuem, como unidades da comunicação verbal, características estruturais que lhes são comuns e, acima de tudo, fronteiras claramente delimitadas.

De tal modo, podemos afirmar que o enunciado mobiliza a interação discursiva entre dois ou mais sujeitos, isto é, o enunciado tem sua gênese na comunicação quando o sujeito se apropria de um discurso, já vivido, e o profere, de forma valorativa, sob seu ponto de vista. O reconhecimento do sujeito como instância constitutiva potencializa os estudos em sentido dialógico-discursivos, assim como pesquisas que se norteiam pela interação, reacentuando os dizeres de Volóchinov, ao afirmar que o discurso alheio é “o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 249). Nesse direcionamento, Bakhtin (2006 [1979]) pontua que

[...] cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade do campo de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma **resposta** aos enunciados precedentes [...] (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 297, grifos nossos).

Deprendemos dessas palavras que não é possível a existência de um enunciado sem que haja atravessamentos interdiscursivos em sua instância viva. Os enunciados sempre estão em ligação com outros já existentes: eis uma das principais características que o definem como *dialógico*, como esclarece Bakhtin (2006 [1979], p. 371, grifos nossos): “**Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem.** Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado.”

Portanto, para refletirmos acerca do enunciado, é fundante apreendermos a sua orientação social, uma vez que, segundo Volóchinov (2017 [1929]), o evento social, concretizado em um ou mais enunciados, é o âmago da linguagem na interação discursiva. Nesse sentido, toda e qualquer situação comunicativa possui um auditório

social situado que admite uma organização bem definida, uma orientação. Logo, os enunciados são frutos de produções ideológicas e, intrinsecamente, orientados pelo social, ou seja, o extraverbal. Essa concepção de sujeito instaura-se na circunscrição da natureza social e não individual da linguagem, em que a língua não é compreendida como objeto individual, mas sobretudo como o produto-processo de um contexto sócio-histórico, uma vez que “[a] língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 282).

Nessa linha de pensamento, o enunciado estabelece uma relação direta com o contexto social de interação discursiva, com a realidade extraverbal dentro de um campo específico da atividade e da comunicação humana. Na visão de Volóchinov (2013, p. 78, grifos do autor), esse contexto extraverbal da enunciação dialógica constitui-se, especificamente, de três elementos: “1) um horizonte espacial compartilhado por ambos os falantes [...]; 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação, igualmente compartilhados pelos dois, e, finalmente, 3) a valoração compartilhada pelos dois, desta situação”.

Caso isolemos um enunciado de sua realidade sociohistórica e tentemos compreendê-lo segregado de seus reflexos ideológicos (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]), interpretando apenas seus aspectos morfossintáticos ou técnicos, estaremos diante de um objeto-coisa morto (BAKHTIN, 2006 [1979]). Nas lentes de Medviédev,

O meio ideológico é o meio da consciência. Somente por meio dele e com seu auxílio a consciência humana abre caminho para o conhecimento e para o caminho da existência socioeconômica e natural. O meio ideológico é sempre dado no seu vir a ser dialético vivo... (2016 [1928], p. 56-57).

Nessas condições, os enunciados concretos são embebidos de ideologias e valorações situadas, elencadas em função do propósito comunicativo do sujeito. Logo, a escolha de uma palavra, em vivência dialógica, constitui-se como uma apreciação valorativa que, cunhada linguisticamente no discurso, a partir de filiações discursivas, se propõe a convocar determinados efeitos de sentido no outro, nos mais variados campos discursivos da linguagem.

Por conseguinte, o enunciado concreto é, essencialmente, um ponto de vista único e singular sobre o mundo, um ato responsável e responsivo, tanto do falante que enuncia, quanto para o ouvinte na interação verbal. Em outras palavras, em conformidade com Bakhtin (2012), não existe álibi na interação verbal, somos sempre

convocados a responder ativamente, ou seja, não existe neutralidade no discurso. Nesse sentido, o filósofo russo elucida que

toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...] toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gerar obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2016, p. 25).

Em síntese, tendo por base a discussão apresentada, ancorados teoricamente nos estudos do Círculo, depreendemos que as principais características do enunciado são: ter contato direto com a realidade (situação extraverbal – interação), bem como estabelecer a relação com outros enunciados já existentes, constituir-se por elementos expressivos e axiológicos, convocar uma atitude responsiva por parte do **outro** e ser delimitado pela alternância dos sujeitos do discurso.

### **Lobo em pele de cordeiro: análises dialógico-discursivas**

Antes de adentrarmos na análise, faz-se importante mencionar que, na ótica de Bakhtin e dos demais integrantes do Círculo, o enunciado não se reduz a frases, orações e períodos, como previstos pela gramática normativa. Adentramos na perspectiva bakhtiniana de enunciado, a qual transcende a materialidade escrita, e enxerga para além, conforme atesta o filósofo russo em **Problemas da poética de Dostoiévski (2008)**, que as relações dialógicas são possíveis entre enunciados imagéticos, e tais materialidades são denominadas de “obras-enunciado” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 279). De modo semelhante, em **O método formal nos estudos literários**, Medviédev (2016 [1928]) partilha dessa nova perspectiva de encarar os enunciados como “todos os produtos da criação ideológica – obras de arte, trabalhos científicos, símbolos e cerimônias religiosas etc” (p. 48), pois, uma vez que são objetos materiais, partes da realidade circundante ao homem.

Assim, o objeto – enunciado – que selecionamos para análise se trata de uma charge, intitulada **Lobo em pele de Cordeiro**, assinada por Myrria. A charge constitui-se como um gênero discursivo cujo objetivo é criticar ou ironizar, ou ainda representar de forma cômica acontecimentos nas mais diversas esferas sociais, política, religiosa ou educativa. Passemos às análises:



**Figura 1: Lobo em pele de Cordeiro**

Fonte: <http://viniciusassumpcao.blogspot.com.br/2016/08/charge-lobo-em-pele-de-cordeiro.html>

Ao nos depararmos com o enunciado chargístico intitulado **Lobo em pele de cordeiro**, temos acesso às materialidades verbais e não verbais, ou seja, aos aspectos visivelmente imediatos da charge. Sua realidade primeira imagética, ilusoriamente transparente, nos apresenta, do lado esquerdo, um sujeito que desempenha papel social do filmador/cenógrafo, o qual aparenta estar trêmulo diante daquilo que está sendo filmado. Em termos de materialidade linguística, acima do cenógrafo, há o enunciado verbal “começa a propaganda eleitoral no rádio e TV”, o que confere ao leitor a construção semântica de que a filmagem se trata de algo relacionado a política, as campanhas eleitorais.

Ao lado direito do plano discursivo, dispõem-se dois enunciados verbais: 1 (um) “vote neste que é bom!” consiste em um apelo, circunscrito na parede, para que fique visível aos telespectadores, e “Capricha aí na minha imagem heim!” dirigida ao cenógrafo. Esta mensagem é dirigida por um lobo, que aparenta ter saído de dentro de uma outra roupagem/pele, cuja imagem remete a um animal branco, o cordeiro. A expressão facial do lobo, assim como os seus gestos, indica que ele está ordenando, para que o filmador “capriche”, ou seja, que dê um jeito de tudo sair perfeito em relação à imagem do candidato.

A averiguação dos elementos verbo-visuais em sua realidade imediata, ou seja, ao que está visível **aqui e agora** na materialidade consiste na leitura superficial da charge, o que a torna um enunciado comum. No entanto, para que se compreenda

o enunciado em sua concretude (enunciado concreto), faz-se necessário investigar os atravessamentos heterodiscursivos, ou seja, que outras vozes estão constituindo esse enunciado, enformando-o? É necessário, portanto, compreender o enunciado em suas condições sociohistóricas de produção. **Que discurso está atravessado (se faz presente) no discurso político?**

Ao circunscrever a charge a partir de suas expressões ideológicas, ou seus aspectos dialógico-discursivos, deve-se considerar que a própria referência às vozes<sup>6</sup> destes sujeitos remete à esfera midiática institucional. É no evocar desse coro de vozes que estará sendo moldado um enunciado concreto. Nos termos de Bakhtin,

A oração enquanto tal, em seu contexto, não tem capacidade de determinar uma resposta; adquire essa propriedade (mais exatamente: participa dela) apenas no todo de um enunciado. A oração que se torna enunciado completo adquire novas qualidades e particularidades que não pertencem à oração, mas ao enunciado, que não expressam a natureza da oração, mas do enunciado e que, achando-se associadas à oração, completam-na até torná-la um enunciado completo. [...] As pessoas não trocam orações, assim como não trocam palavras (numa acepção rigorosamente linguística), ou combinações de palavras, trocam enunciados constituídos com a ajuda de unidades da língua — palavras, combinações de palavras, orações; mesmo assim, nada impede que o enunciado seja constituído de uma única oração, ou de uma única palavra, por assim dizer, de uma única unidade da fala (o que acontece sobretudo na réplica do diálogo), mas não é isso que converterá uma unidade da língua numa unidade da comunicação verbal (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 297).

Para compreender este enunciado em sua concretude, foi necessário, primeiramente, realizar um gesto de compreensão responsiva ativa, escavação dos sentidos múltiplos, a exemplo do discurso religioso que está atravessando o discurso político. Tanto o lobo quanto o cordeiro fabulam personagens simbólicos ao contexto bíblico neotestamentário, o que nos impulsiona a analisar as relações dialógicas estabelecidas entre os enunciados.

A Bíblia, documento considerado o livro sagrado para os cristãos e para grande parte de não-cristãos, contém os primeiros registros de enunciados em que são figurados o lobo e o cordeiro, metaforicamente. É no contexto da era dos Mártires

---

<sup>6</sup> Para Stella (2013, p. 179), “A compreensão do mundo, pelo sujeito, acontece no confronto entre as palavras da consciência e as palavras circulantes na realidade, entre o interno e o externamente ideológico. A interiorização da palavra acontece como uma palavra nova, surgida da interpretação desse confronto”.



(GONZÁLEZ, 2011), especificamente nos registros evangelísticos das falas de Jesus, que se manifestam as relações entre lobo e cordeiro. Nos registros do evangelista Mateus, capítulo 7, Jesus alerta os seus discípulos:

Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores.  
 Vocês os reconhecerão por seus frutos. Pode alguém colher uvas de um espinheiro ou figos de ervas daninhas?  
 Semelhantemente, toda árvore boa dá frutos bons, mas a árvore ruim dá frutos ruins.  
 A árvore boa não pode dar frutos ruins, nem a árvore ruim pode dar frutos bons.  
 Toda árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada ao fogo. Assim, pelos seus frutos vocês os reconhecerão! (Mt. 7. 15-20).

De igual modo, o apóstolo Paulo reenuncia a mensagem de Jesus, a qual este proferiu antes de sua crucificação, em que fazia menção à sua morte material: “Eu sei que depois da minha partida entrarão no meio de vós lobos cruéis que não pouparão o rebanho... falando coisas perversas para atrair os discípulos após si”. (At. 20.29-30).

Perceba-se que, dentro de um sistema político-religioso vigente, havia-se feito menção aos falsos líderes religiosos como **lobos devoradores**. Assim como os lobos que devoravam os rebanhos de ovelhas, os líderes corruptos do primeiro século d.C devoravam as mentes das pessoas, enganando-as com falsos ensinamentos, para poderem se aproveitar de seus tributos e de seu trabalho físico. E pior que isso: tentavam, através de seus discursos, maquiagem suas ações, fingindo-se de bons mestres e líderes leais, altruístas e pacificadores. Então, foi crescente e imperante o discurso de que pessoas gananciosas, hipócritas e aproveitadoras, e além disso fingidas, agem como lobos que se vestem de cordeiro. Suas ações são efetivamente mal-intencionadas, mas através do discurso conseguem revestir uma pele de pessoas bondosas e bem-intencionadas.

Ao observarmos, agora, a charge, realidade sócio-histórica<sup>7</sup>, no que concerne à emergência deste enunciado, o fato de na frente da câmera haver um lobo que saiu de dentro de uma pele de cordeiro indica que há uma grande crítica condensada aos próprios líderes políticos na contemporaneidade brasileira, no século XXI. Bakhtin

<sup>7</sup> Santana (2019, p. 100, grifos nossos) infere que “[a]o tratarem da relação entre cultura e vida, Bakhtin (1993 [1920-1924]) e Medviédev (2016 [1928]) propõem a indivisibilidade entre esses dois mundos, assim como era comum nas ciências naturais, filosofia da vida e estética formalista. O sujeito, enquanto **Ser aberto e unitário**, pode ser formador do conteúdo-sentido abstrato do ato-ação”.

(2015, p. 54) assevera que o campo aperceptivo da compreensão não é apenas linguístico, mas sobretudo “concreto-expressivo”. Ao contrário da compreensão passiva<sup>8</sup>, se reduz a abstrações linguísticas, a interpretação ativa

[...] estabelece uma série de inter-relações complexas, consonantes e heterossonantes como o objeto da interpretação, enriquece-o com novos elementos. É exatamente essa interpretação que o falante leva em conta. Por isso sua diretriz centrada no ouvinte é uma diretriz centrada num horizonte especial, no universo especial do ouvinte, insere elementos absolutamente novos em seu discurso; porque aí ocorre uma interação de diferentes contextos, de diferentes pontos de vista, de diferentes horizontes, de diferentes sistemas expressivoacentuais, de diferentes “línguas” sociais (BAKHTIN, 2015, p. 55).

A charge, ao por meio de relações dialógicas, reenuncia as vozes neotestamentárias que construíram o ideal metafórico do lobo e do cordeiro, ou seja, o discurso político em período eleitoral é constantemente atravessado por discursos da ordem do religioso. Nesse sentido, seus heterodiscursos reacentuam os não-ditos, constituindo os sentidos plurais que instituem o enunciado concreto. O cenário político, caracterizado por expressões como “vote nesse que é bom”, adquire sentidos ideológicos nas interrelações com o sujeito que enuncia, que é um lobo.

Uma vez que estamos trabalhando com a linguagem tendo como fundamento teórico-metodológico a Análise Dialógica do Discurso, fez-se imprescindível analisar os sentidos que perpassam esse enunciado como ser-evento, averiguando-se seus reflexos ideológicos. No caso específico do enunciado em questão, intitulado **Lobo em pele de cordeiro**, os sentidos trafegam historicamente, e se inserem em uma orquestração dialógica. A divulgação eletrônica da charge quis ressaltar a permanência dessas vozes que inserem a crítica à política brasileira, principalmente no que tange às propagandas eleitorais.

No processo de discursivização desse enunciado concreto, dispõem-se tanto sujeitos representantes do sistema oficial, como os candidatos, quanto os sujeitos do cotidiano (interlocutores), que são os eleitores, constantemente influenciados pelo discurso político. A mídia eletrônica circunscreveu o **topos** de heterodiscursos, os quais evidenciam o falso moralismo dos representantes de partidos políticos

---

<sup>8</sup> Para Bakhtin (2015, p. 54-55), “a interpretação não ultrapassa o âmbito do seu contexto e em nada enriquece o interpretável”. Essa interpretação passiva não acresce novidades ao discurso do indivíduo, “nenhum elemento concreto e expressivo” (p. 55).

brasileiros, os quais prometem realizar ações que visam ao benefício da população, mas na verdade, roubam e desviam o dinheiro público.

### **Considerações finais**

O empreendimento teórico-analítico realizado em torno do enunciado concreto integra um prisma de compreensão de textos com uso da língua viva, além contribuir significativamente com a interdisciplinaridade. Nesse sentido, o autor-criador (BAKHTIN, 1006 [1979]), Myrria, refletiu e refratou, discursivamente, o cenário político brasileiro vigente na primeira década do século XXI. A expressão “enunciado concreto”, advinda do pensamento bakhtiniano, foi empregada em contraposição a teorias que consideravam a língua como abstrata ou mecânica, e nessa nova construção de sentidos, inserida dentro de uma perspectiva dialógica, a linguagem e o sujeito foram visibilizados com base na alteridade.

Este manuscrito, por fim, se instaura nessa esfera de dizeres interconstitutivos, não contendo palavras últimas nem acabadas, mas réplicas a outros estudos. De modo semelhante, esperamos que este inspire outros trabalhos que problematizem a respeito da linguagem e de seu funcionamento, tendo como centros axiológicos a linguagem e o sujeito.

### **Referências**

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. [1951-1953]

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1979].

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. **Teoria do romance I**. A estilística. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. [1934-1935]

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1920- 1924].

BÍBLIA SAGRADA (**Bíblia de Jerusalém**). Tradução do texto em Língua Portuguesa diretamente dos originais. Nova Edição Revista e Ampliada. 1ª edição. Paulus Editora, São Paulo, 2002.

BUBER, M. **Do diálogo e do dialógico**. Perspectiva, 2006 [1982].

FIORIN, J L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

GONZÁLEZ, J L. **História Ilustrada do Cristianismo** – a era dos Mártires até a era dos sonhos frustrados. Tradução de Udo Fuchs, Key Yuasa. 2ª edição. São Paulo, Editora Vida Nova, 2011.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MYRRIA. Charge: **Lobo em pele de Cordeiro**. In: <http://viniciusassumpcao.blogspot.com.br/2016/08/charge-lobo-em-pele-de-cordeiro.html>. Acesso em: 05 de março de 2019.

SANTANA, W K F; LIMA, P V B. Bakhtin e o círculo: entornos dialogico-discursivos sobre o ato e a alteridade. **Revista Versalete**. Curitiba, Vol. 6, no 11, jul.-dez. 2018. p. 8-25.

SANTANA, W K F. Compreensão dialógico-enunciativo-discursiva de sujeito a partir de Bakhtin e o círculo. In: SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. **Relações linguísticas e axio(dia)lógicas: sobre linguagem e enunciação**. João Pessoa: Ideia, 2019. p. 95-105.

SARTRE, J-P. **Huis Clos suivi de Les Mouches**. Paris: Gallimard, 1991 (Col. Folio).

STELLA, P R. Palavra. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2013. P. 177-190.

VOLÓCHINOV, V N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

Recebido em 13 de março de 2019  
Aprovado em 12 de julho de 2019